

# Canto escuro

D A N I E L B A R R O S

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2019*



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

FOTO DO AUTOR: Gabriel Marinho

ILUSTRAÇÕES: Andréia Pessoa

REVISÃO: João Carlos Taveira e Amanda Pessoa

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

B277c Barros, Daniel.  
Canto escuro / Daniel Barros – Penalux: Guaratinguetá, 2019.  
244 p.: 21 cm.  
ISBN: 978-85-5833-485-3  
1. Romance I. Título

CDD B869.93

---

Índice sistemático:  
1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# Capítulo I

Era fim de tarde. Sozinho no bar, Paulo Henrique bebia seu uísque, tinha o pensamento no nada ou no passado. Nem percebeu quando Cláudio e Júnior se aproximaram da mesa. Velhos amigos de boemia de quem Paulo Henrique, depois do casamento e do seu distanciamento das investigações, havia se afastado. Congratularam-se efusivamente e, de imediato, os dois já o convidaram para mudar de mesa, pois tinham marcado encontro com algumas garotas que chegariam logo em seguida. Seriam três meninas e, como só estavam os dois, Paulo Henrique completaria o grupo. Ele se desculpou e não aceitou o convite; alegou que esperava uma pessoa, o que não era verdade. Apenas queria ficar só.

Não tardou e outra pessoa chegou à mesa. Dessa vez não era um amigo, apenas um conhecido. Paulo Henrique se levantou para cumprimentá-lo. O rapaz disse que aguardava uns companheiros e perguntou se poderia sentar ali enquanto esperava. Paulo Henrique usou a mesma desculpa: esperava alguém. Mesmo assim ele sentou, dizendo: “Não pretendo demorar”. “Como é possível uma pessoa sentar-se à mesa de outra

sem ser convidada?” pensou Paulo Henrique. “Não vê que, se estou só, é porque assim quero estar?” O rapaz falava sobre o trabalho, sobre seus projetos, além de assuntos pessoais. Paulo Henrique não mais o ouvia, apenas condescendia com gestos mecânicos, estava longe... O indivíduo não parava de falar. Paulo Henrique viu quando as meninas chegaram à mesa dos amigos. Eram lindas! Duas loiras e uma morena. Conversaram um pouco e ao mesmo tempo as três olharam para ele. Acenaram e Paulo Henrique respondeu com outro aceno. O intruso, que não se calava nunca, olhou para a mesa das meninas e falou algo com Paulo Henrique, que não escutou. O insistente jovem tocou-lhe o braço: buscava sua atenção. Paulo Henrique ríspidamente puxou o braço:

— O que houve, meu camarada? — perguntou, irritado.

— Você conhece aquelas gatas?

— Não! Não conheço.

— Mas elas falaram...

— Planalto! — Paulo Henrique chamou o garçom — Por favor, a conta.

— Você já vai? — perguntou o jovem.

— Não se incomode, pode ficar com a minha mesa.

— Qual seu e-mail? Quero mandar-lhe alguns artigos sobre o que falávamos.

Paulo Henrique escreveu o e-mail em um guardanapo e entregou-lhe. Levantou-se e despediu-se. Pagaria a conta direto no caixa. Pagou e saiu de forma que não teve que passar por sua mesa, nem por aquela em que os amigos estavam com as meninas.

No deslocamento para outro bar, caminhava cabisbaixo, pois acreditava que se não visse ninguém também não seria visto. Quando era criança, na fazenda de seu avô, havia uma macaca que roubava coisas na cozinha e passava pela sala, onde as pessoas estavam, de olhos fechados, com a intenção de não ser vista — Paulo Henrique tentava o mesmo. Queria apenas sentar e beber um pouco. Não entendeu aquele rapaz; nunca tinham sido apresentados, só se conheciam de vista. Como poderia alguém querer tanta intimidade com ele para sentar-se ali como se amigos fossem? Mas Paulo Henrique não continuaria com aquela desagradável companhia, nem mesmo em pensamento. Esqueceria e deixaria aquilo para trás.

Já no outro bar, sentou e um jovem garçom veio atendê-lo. Pediu um uísque, bebeu um gole e seu olhar fixou o nada. O que fazia ali? Por que não ia para casa? O favônio refrescava aquela noite serena. Mas dentro de si, uma verdadeira tormenta o consumia. O celular tocou, viu no identificador de chamadas: era um dos amigos que estavam com as meninas. Paulo Henrique não atendeu... Logo depois, o outro amigo ligou, e mais uma vez ele não atendeu... Mais um número, desta vez um desconhecido; também não atendeu. Cogitou desligar o aparelho, mas não desligou... Apenas silenciou após se repetirem as ligações. Mais uma ligação, desta vez era sua esposa. Paulo Henrique pensou em quantas respostas teria que dar. Atendeu: — Já estou indo.

Antes, passou na padaria, comprou pão e, de lá, ligou para a mulher para avisar que levaria os pães e que ela não precisava comprar.

Em casa, ajudou a fazer o jantar. Depois de tudo pronto, a esposa foi para o quarto. Ele se sentou para comer. Esperou, esperou... Foi ao quarto do filho que lhe disse já ter comido bolo e chocolate. Procurou a esposa, ela estava no banho e respondeu que não iria comer. Voltou para a mesa, e jantou absolutamente só.

De volta ao quarto, ele tinha que explicar o porquê de ter ido beber e não ficar com a família. Era um absurdo preferir os amigos e as “putas” à família, dizia a esposa. Pensou em estourar, mas não o fez. Tiveram uma breve discussão e ele, para se esquivar, entrou no banho. A água abundante caía em seu rosto e escorria sobre seu corpo. Absolutamente só... Mas, cedo ou tarde, teria que sair, e quantas respostas teria que dar? O banho foi demorado, e quando terminou encontrou a esposa adormecida. Paulo Henrique deitou-se e tardou a pegar no sono. Para ele existiam dois motivos para insônia: estar alegre e pensar em seus planos futuros ou triste e pensar nos problemas. Qual seria o dele? Não demorou e Paulo Henrique sentiu a mão da esposa em seu corpo. “Meu Deus”, pensou ele. “Acabamos de discutir. Como pode ela ainda querer sexo?” Mas como não querer? Quantas respostas...

## Capítulo II

Parou o carro no estacionamento da repartição, desceu e assustou-se com uma buzina. Saltou de banda para não ser atropelado.

— Ei, tá nas nuvens? — perguntou o motorista, que era um colega de trabalho.

Paulo Henrique deu um leve sorriso. “Logo Simões, me ver assim destruído”, pensou. Seguiu rápido antes que o colega o alcançasse. Chegou a sua sala, ligou o ar condicionado e fechou a porta. Logo em seguida, Cacá e Leandro chegaram. Paulo Henrique trabalhava com mais dois colegas. Não tardou para Simões chegar também e, sem bater, entrar na sala.

— Paulo Henrique! Tá no mundo da lua. Conte-me, quem é a paixão desta vez? Nem percebeu meu carro se aproximar. Cacá, Léo... vocês não acham que ele tá apaixonado?

— Que é isso, Simões? Paulo Henrique é casado, e se estiver apaixonado é pela esposa. E você não tem nada com isso — disse Cacá.

Simões havia deixado a porta aberta e a cada pessoa que passava ele perguntava o que achava. Paulo Henrique apenas

sorria discretamente e não conseguia se concentrar no trabalho. Parecia até que Simões não tinha que trabalhar, enquanto os outros estavam assoberbados de afazeres.

O dia parecia não passar. Paulo Henrique fazia um esforço enorme para se concentrar: quando não era Simões, era seu pensamento que o perturbava. Finalmente se aproximava a hora do almoço. Antes que os colegas começassem a sair, ele se antecipou, para não ter que encontrar com ninguém. Ao chegar ao restaurante, viu Drica, que estava em uma mesa próxima à entrada. Pensou em recuar, mas ela o viu. Olhou para ele e não sorriu, cumprimentou-o com indiferença. Ele passou por ela e sentou-se ao fundo do salão, distante de sua mesa. Durante a refeição não ergueu uma única vez a cabeça e, portanto, não a viu sair.



Conhecera Adriana numa festa na casa de Fábio, primo de Júnior. Ela usava um vestido escuro e justo ao corpo, e conversava com Júnior, o policial amigo de Paulo Henrique, que o ajudava a iniciar a investigação na repartição. Quando Júnior percebeu a chegada de Paulo Henrique, chamou-o e apresentou-lhe a bela moça. Não se sabe como o assunto chegou à poesia, talvez por meio da música. Conversaram sobre poetas e poesias como se já se conhecessem havia muito tempo. Júnior percebeu a aproximação entre eles, e deixou-os a sós. E então passaram toda a festa assim, apenas os dois. No final, ele a levou ao carro e trocaram os números de seus telefones.



Ainda naquela madrugada começaram a trocar mensagens. Paulo Henrique enviava parte de um poema e Drica completava. Os dias se passaram e eles marcaram um encontro... E outro... E outro. Foi inevitável o envolvimento, mas havia um problema: Drica era noiva e seu namorado a esperava voltar ao Nordeste para se casarem. Ela era funcionária pública federal e já havia pedido transferência, só aguardava os trâmites legais para retornar e casar-se. O convívio com Paulo Henrique e a descoberta de muitas coisas em comum abalaram os sentimentos da moça, que estava se apaixonando por ele. Saíam sempre como amigos. E nada demais havia acontecido entre eles, até o dia em que beberam um pouco além do limite e esqueceram-se do mundo a sua volta. Paulo Henrique segurou a mão dela e seus rostos se aproximaram. Ele sentiu nos lábios úmidos de Drica um enorme desejo, beijaram-se carinhosamente e, abraçados, saíram do bar. Ao chegarem ao prédio onde ela morava, não conseguiam se despedir. Então, Drica o convidou para subir. Era muito tarde, e ele havia bebido muito, por isso não deveria dirigir naquele estado. Ela disse que o apartamento tinha dois quartos e Paulo Henrique poderia ocupar um deles.

Já no apartamento, Drica foi buscar uma cerveja enquanto ele aguardava na sala. Serviu-lhe cerveja e também um pouco para si. Estavam de mãos dadas quando o telefone tocou. Ela se levantou do sofá, para atender. Era o noivo. Paulo Henrique foi para a varanda e deixou-a só na sala. Ainda conversava ao telefone quando caminhou até ele e segurou afetuosamente sua mão. Ele pôde ouvir suas últimas palavras: “Sim... Sim... Te falo se tiver alguma resposta... Não, ainda não.” E após um breve

CONTATO COM O AUTOR  
danielbarros45@gmail.com

---

Este livro foi composto em Sabon Next LT  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em fevereiro de 2019.

---